

RESENHA



Gramsci e a Revolução Russa

LOLE, A.; GOMES, V. L. C.; DEL ROIO, M. (Orgs.). *Gramsci e a Revolução Russa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017. 272 p.

Barbara White*

Em tempos conturbados, em que o fascismo ganha corpo e volume na sociedade atual, o livro *Gramsci e a Revolução Russa* chega aos leitores como um estímulo teórico para reformulações de novas práticas no embate contra a exploração do capitalismo. A produção é uma coletânea organizada pelos pesquisadores gramscianos Ana Lole, Víctor Leandro Chaves Gomes e Marcos Del Roio e reúne artigos produzidos por intelectuais brasileiros e italianos, que se destacam no cenário mundial, com estudos acerca do pensamento do filósofo sardo Antonio Gramsci.

O centenário da Revolução Russa, bem como os oitenta anos de morte de Gramsci, no ano de 2017, são coroados pelos organizadores desta coletânea com uma obra que, para além do resgate dos desdobramentos históricos do período entre 1917 e 1937, se destaca por apresentar a experiência da Revolução Russa como marca expressiva, na tentativa de reconstrução do pensamento do filósofo sardo em sua totalidade. No prefácio, Fabio Frosini salienta a riqueza do livro diante da reunião de “estudos que enriquecem tal investigação com novos detalhes e perspectivas”. A obra reúne 13 textos de 15 autores, que analisam de forma rica, detalhada e com profundidade teórica, a importância da experiência russa na construção da filosofia política gramsciana, apresentando como conceitos e categorias foram elaborados pelo filósofo sardo, a partir de sua trajetória intelectual e de vida.

O primeiro texto do livro é de Domenico Losurdo, um dos maiores e mais originais filósofos da atualidade, que se debruçou, de modo singular, sobre os estudos de Marx e Gramsci na luta anticapitalista. Suas análises sobre

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE). *Correspondência*: Faculdade de Educação/UFF Campus do Gragoatá: Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, bloco D - São Domingos, Niterói - RJ. CEP: 24210-201 *Email*: <barbarawhite3@yahoo.com.br>.

o impacto da Revolução Russa versam sobre a necessidade de reflexão sobre “as consequências da vitória dos bolcheviques em um país relativamente atrasado e exaurido pela guerra” (p. 21). Diante do momento histórico vivido no âmbito do acontecimento russo – saudado por Gramsci como a “Revolução contra O Capital” – desenvolve reflexões sobre a questão do materialismo histórico correlacionada à crítica ao populismo.

Anita Helena Schlesener e Michelle Fernandes de Lima apresentam uma articulação entre o contexto histórico da Revolução Russa e sua influência no pensamento de Gramsci, a partir de textos escritos por ele no período entre 1917-1918. Estabelece-se uma articulação da experiência da revolução proletária russa com o movimento operário italiano. Destaca, ainda, a leitura feita por Gramsci sobre o caráter educativo da Revolução Russa como questão de liberdade em um autogoverno operário, apontando em seus escritos temas acerca da necessidade de desenvolvimento de um processo formativo, bem como de autoeducação para as massas populares na revolução socialista.

A contribuição de Edmundo Dias trata da especificidade da questão da organização da cultura, de modo “desinteressado”, da sua relação com a hegemonia na construção do processo revolucionário, e de como Gramsci fez essa leitura a partir da ação dos bolcheviques, ao caracterizar o acontecimento russo como uma revolução proletária. Neste sentido, analisa também a crítica do filósofo sardo sobre o papel do americanismo diante da formação de uma nova classe trabalhadora, ou um novo proletariado industrial.

Na busca pela interpretação dos estudos gramscianos, entre 1917-1918, sobre a tradução da Revolução Russa para o contexto italiano, Daniela Mussi traz a questão da centralidade da “cultura como coração da revolução” (p. 92), dada a relevância do tema para o intelectual sardo. As análises convergem para uma reflexão sobre o momento histórico do socialismo, as divergências e impasses das correntes políticas russas e italianas, bem como de que forma as preocupações acerca do papel da cultura culminaram na fundação da revista *L'Ordine Nuovo* em 1919.

Marcos Del Roio apresenta o caminho percorrido por Gramsci ao encontro do marxismo e o papel decisivo desempenhado pela Revolução Russa nessa construção. O texto discorre sobre o movimento histórico, desde o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, que desencadeou o afastamento de Gramsci das correntes que inicialmente influenciaram seu pensamento – como Benedetto Croce – culminando na sua “aproximação com o marxismo, via Lenin” (p. 110), assim como da trajetória política do filósofo sardo na busca pela tradução da Revolução Russa para as particularidades da Itália.

Em sequência ao processo de aproximação de Gramsci com o marxismo, o texto de Eduardo Granja Coutinho versa sobre a influência direta da teoria política de Lenin sobre o pensamento de Gramsci. As análises trazem à tona a articulação entre conceitos basilares da teoria gramsciana diante da experiência russa, como: hegemonia, intelectuais e organização

da cultura, a partir do nexos dialético entre teoria e paixão “que se expressa no conceito de vontade coletiva” (p. 128).

Rodrigo Duarte Fernandes Passos parte de uma investigação sobre os anos 1919-1920, destacando a centralidade da categoria “tradutibilidade”, “traducibilidade” ou “tradução” da “Revolução de Outubro” no pensamento gramsciano. Sinaliza a relevância sobre a relação que o autor sardo estabeleceu com a literatura, a linguística e suas particularidades no que tange as ressignificações do “legado teórico-prático de Marx” (p. 141). Neste sentido, destaca como a unidade e organicidade entre “história, filosofia e política e entre pensamento, ação e método” (p. 153) constituem a elaboração do pensamento de Gramsci, ao apontar em seus escritos, aspectos e ressignificações que possibilitam a tradução da Revolução de Outubro.

O texto de Gianni Fresu realça a discussão sobre o desenvolvimento do processo revolucionário a partir das condições concretas de cada formação econômica e social, “como um processo que se desenvolve na prática, dia a dia” (p. 171). Ou seja, traduzir a experiência russa de acordo com os aspectos e demandas históricas de cada país. Para isto, destaca na obra de Gramsci, seu interesse pelos escritos de Maquiavel diante da tarefa de construção de um Estado moderno, traduzido por um Moderno Príncipe, associado à figura do “partido-intelectual coletivo” cuja participação das grandes massas tornava-se indispensável para o desenvolvimento de uma vontade nacional popular.

“A concepção revolucionária da política de Gramsci” é desenvolvida por Giovanni Semeraro através da análise específica do *Caderno 13 – Breves notas sobre a política de Maquiavel*. Semeraro sinaliza a importância deste caderno como “culminância do mais importante grupo dos Cadernos Especiais 10, 11, 12 e 13, o coração da obra carcerária” (p. 180). O texto aprofunda a investigação sobre a relação entre filosofia-educação-política e sua tradutibilidade, apresentando a originalidade do pensamento de Gramsci, não apenas na sua interpretação de *O Príncipe*, mas na “permanente formação e atuação da vontade coletiva nacional-popular” (p. 193). Ou melhor, um projeto pedagógico contínuo, que visa garantir às massas populares participação ativa e consciente, além de autodireção.

Lincoln Secco, em *Questões Táticas*, identifica no pensamento de Gramsci suas críticas sobre o combate ao fascismo, sobre o *arditismo* antifascista, que desconsidera as expressivas “trincheiras” da sociedade civil. Desenvolve o conceito de revolução passiva correlacionando-o à crise militar visando elaborar uma tática moderna como premissa para a revolução no Ocidente, posto que a “capacidade de manobrar no terreno continua sendo indispensável ao êxito estratégico” (p. 204).

Leandro Galastri retrata de forma parcial, os primeiros resultados de sua pesquisa em andamento sobre a “violência política no pensamento de Gramsci”, a partir da análise dos escritos pré-carcerários e carcerários do autor sardo. O texto propõe uma reflexão sobre a possibilidade de considerar

as relações políticas de força, como fase do protagonismo da violência política assumida como estratégia anti-institucional de luta para as massas populares na conquista de uma nova hegemonia. Para isto, se debruça sobre categorias gramscianas como hegemonia, guerra de posição e guerra de movimento, além da questão do *arditismo*.

A análise sobre as necessárias distinções entre Revolução Russa e revolução passiva nas reflexões de Gramsci é abordada no texto de Ana Lole e Victor Leandro Chaves Gomes, a partir da centralidade da política em seu pensamento e de “sua inegável vocação transformadora” (p. 229). Os autores desenvolvem o argumento, partindo da investigação de dois momentos diferentes na vida do filósofo sardo – a Revolução Russa para o jovem Gramsci e o evento russo visto do cárcere – buscam no passado, elementos teóricos formadores de novas práticas de luta pela democracia e socialismo.

O último texto do livro é de Giuseppe Vacca, que apresenta um estudo acerca dos escritos carcerários gramscianos sobre a União Soviética stalinista. Ao se debruçar sobre os *Cadernos do cárcere*, Vacca destaca – o que é considerado por ele como as principais categorias analíticas do pensamento político gramsciano – a correlação entre “guerra de posição” e “revolução passiva” a partir das notas sobre “Americanismo e Fordismo” e o momento histórico vivido pela União Soviética.

A atualidade desta coletânea está, precisamente, na riqueza de detalhes e na profundidade com que os autores se debruçam sobre o pensamento de Gramsci. O livro cumpre sua tarefa de apresentar um conjunto de textos que revelam a complexa interpretação das categorias analíticas gramsciana, bem como a sua tradutibilidade para os dias atuais. Para além do resgate histórico da experiência russa, a sequência dos textos escolhidos, evidencia preocupação por parte dos organizadores, em garantir uma leitura fiel ao pensamento do autor sardo, apresentando contribuições que se interligam através do nexos filosofia-educação-política presentes na relação dialética de unidade/distinção entre teoria e prática.

Gramsci e a Revolução Russa é uma obra enriquecedora, que nos instiga a aprofundar as reflexões sobre novas possibilidades na luta pela construção de uma hegemonia popular na atualidade.

DOI: 10.12957/rep.2018.36707



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.